

Tathyana Viana

caos,  
O CACHORRO

Ilustrações

Mariana Massarani



Copyright do texto © 2013 by Tathyana Viana  
Copyright das ilustrações © 2013 by Mariana Medeiros Massarani

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa, projeto gráfico de miolo e editoração  
ANDREA VILELA DE ALMEIDA

Produção gráfica  
MARCELO XAVIER

Revisão  
VIVIANE T. MENDES  
LUCIANA BARALDI

Tratamento de imagem  
M GALLEG0 • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Viana, Tathyana  
Caos, o cachorro / Tathyana Viana; ilustra-  
ções Mariana Massarani — 1ª ed. — São Paulo:  
Companhia das Letrinhas, 2017.

ISBN 978-85-7406-783-4

I. Ficção — Literatura infantojuvenil.  
I. Massarani, Mariana. II. Título.

17-03516

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)

[www.blogdaletrinhas.com.br](http://www.blogdaletrinhas.com.br)

1.  
SEM NOME

7

2.  
BOB ESPONJA

13

3.  
RICK

17

4.  
Amarelo

23

5.  
soneca

29

6.  
caos

35

7.  
caos e Fred

43



1.

# SEM NOME

NAQUELA NOITE DE CHUVA E FRIO, ninguém viu quem me largou na calçada e foi embora sem olhar para trás. Fiquei perambulando perdido e acabei me encostando num cantinho, tentando me proteger da chuva e dos enormes pés que passavam de um lado e do outro. Nem latir eu conseguia, de tanto medo, fome e frio, tudo misturado.

A moça de salto alto foi a primeira que me notou. Ela

chamou a atenção das pessoas que estavam passando e logo um grupinho se juntou e ficou me olhando. Ninguém sabia o que fazer. Mas já dava para perceber que ninguém queria me levar para casa.

Um disse: “Eu já tenho quatro cachorros, mais um e minha mulher me mata”. Outro falou: “Meu prédio não aceita bicho, a síndica é a única fera permitida”. A moça de salto alto disse que estava atrasada para o teatro, mas mesmo assim não tinha coragem de ir embora. A menina que voltava da escola largou da mãe e me pegou no colo, apertando bem apertado.

Eles começaram a discutir o que fazer comigo. De repente, foi cada um para um lado e eu fiquei sozinho com a menina e sua mãe. A menina perguntou: “Mãe, qual é o nome dele?”. A mãe respondeu: “Ah, ele não tem nome, filha”.

Pois é, sem nome, sem casa, sem comida, sem nada.

Não demorou muito e o cara dos quatro cachorros (que tinha um cheiro bom, por sinal) voltou trazendo comida. O outro, que tinha a síndica feroz, arrumou um potinho de água. A moça de salto alto apareceu fazendo tic-tic-tic no chão, com uma grande caixa de papelão e umas toalhas de rosto velhas. Foi ela quem deu a ideia de me deixarem na porta da pet shop da esquina até o dia seguinte. Pelo menos a marquei-me me protegeria da chuva e, ficando dentro da caixa, eu não ia perambular sem rumo pela calçada.

Antes de me deixarem lá, comi e bebi tudo o que tinham trazido. Depois disso, a menina caprichou no carinho, coçando minhas orelhas e minha barriga, me pegando no colo e me olhando bem. O que ela viu? Um filhote de cachorro amarelo,





pelo curto, olhões castanhos, magrinho, as costelas aparecendo, mais ou menos do tamanho do tênis 44 do cara cheiroso que já tinha quatro cachorros. Modestamente, eu não era nada mal.

Após um monte de afagos, a mãe disse para a menina me largar e me colocar de volta na caixa. Nessa hora a garota hesitou: “Mas ele vai ficar sozinho aííí?!”, perguntou, me apertando ainda mais. Comecei a chorar, não sei se por causa do “apertamento” ou por ter que ficar sozinho de novo. A mãe respirou fundo e com a voz calma explicou: “Ele vai dormir aiiííí só esta noite, no dia seguinte, bem cedo, uma pessoa que sabe cuidar de bichos vai chegar e tomar conta dele...”. A menina se acalmou um pouco. Eu também. Me colocaram na caixa, me enrolaram nas toalhas. Eu me aninhei e fiquei quieto.



Depois disso, não havia mais nada a fazer e todo mundo foi embora rapidamente. Fiquei pensando: fui abandonado, encontrei essas pessoas, mas elas me largaram aqui e desapareceram também. Sozinho, dentro da caixa, fiquei imaginando durante um tempão o cara dos quatro cães, que deve ter voltado para casa e feito festa com seus quatro cachorrinhos de estimação; o outro que mastigou o ressentimento de ter uma síndica tão cri-cri e devia estar querendo se mudar para um prédio que aceitasse animais. A moça de salto alto que, no meio das risadas da peça de teatro, talvez tenha pensado pelo menos um pouquinho em mim. E a menina que, é claro, deve ter ido todo o caminho tentando convencer a mãe a arrumar um cachorrinho só para ela. Também não me esqueci da mãe que, com certeza absoluta, passou o resto da noite desencardindo a filha, que ficou fedendo a filhote pulguento.

Depois, exausto de tanto sufoco, dormi.

Até hoje, nas minhas andanças pelo mundo, procuro por esse pessoal. Nunca topei com nenhum deles. Deve ser porque o mundo é grande e por isso as pessoas e os cachorros se perdem mesmo, não tem jeito.

